

CONFINAMENTO

Célia Castro Gonsales
Celia.gonsales@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste ano, durante minha instância de pós-doutorado em Madrid vivi – junto a meu marido e minha filha de 17 anos - a experiência do confinamento devido à pandemia do novo coronavírus.

O vírus se espalhou com uma rapidez alarmante e o governo Espanhol impôs a mais radical quarentena da Europa. Vivemos um “estado de alarme” de mais de dois meses que nos proibia de sair à rua a não ser para atividades essenciais como compra de alimentos ou medicamentos. Quando aos poucos, finalmente a curva começou a descender e o confinamento foi afrouxando o país de 47 milhões de habitantes acumulava mais de 230 mil infectados e por volta de 28 mil mortos (contagem oficial). Madrid, cidade sempre em erupção quase vulcânica, esteve quieta e vazia. As andorinhas, livres como nunca, observavam aquela paisagem urbana surrealista.

Durante os dias de isolamento em um pequeno apartamento do centro da cidade, rodeados de doença e morte, não são poucos os momentos de incertezas e angústia. No entanto, nessas circunstâncias, extremas, sem o direito básico de ir e vir e sem ter para onde escapar, a “vida” que somos capazes de descobrir – des-cobrir, desvelar -, pode nos surpreender. Tranquilidade e ansiedade, sono e insônia, apetite e inapetência vão nos mostrando a capacidade humana de adaptação às circunstâncias mais diversa e adversas. Confinada e isolada, a cabeça começa a se povoar de histórias. Histórias de persistentes, trancados de alguma maneira em um mundo que se reduz, em uma situação que diminui suas possibilidades de gozo pleno da vida e assim, de sua capacidade de se reinventar: Pepe Mujica em uma noite escura, que dura 12 anos, povoada de pesadelos, solidão e padecimentos de toda ordem; Nando Parrado e Roberto Canessa em uma caminhada impossível de 10 dias pelas Cordilheira dos Andes depois de dois meses presos com seus amigos nas montanhas geladas; Luis Urzúa com seus companheiros mineiros soterrados no Chile a 720 metros de profundidade durante 69 dias. Enfim, a história, a literatura e o

cinema estão repletos de casos que testemunham a capacidade humana de obstinada resistência: sobrevivência ao rancor, convivência com a dor e testemunho vivo da possibilidade de construir esse espaço – o entre –, um lugar de escape.

Desses “contos” humanos de vivência e sobrevivência, os que brevemente relato aqui, são os de dois homens que viveram na Espanha em momentos muito diferentes: um revolucionário a pintura nos séculos XVIII/XIX, o outro (os outros) luta contra fascistas no século XX. A vida do homem que se reinventa, se reconstrói e dá ao mundo algo maravilhoso a partir de sua subjetividade e sensibilidade, ou do guerreiro que, desgarrado, cercado, decide que a vida vale a pena e com isso nos mostra quão grande pode ser a existência dentro de um buraco, são experiências locais e universais. Nos mostram alternativas. São as minhas e, de alguma maneira, podem ser, as nossas histórias.

Meu primeiro relato tem início no Museu do Prado, localizado a meia hora a pé de minha casa. Aberto ao público gratuitamente todos os dias no final do dia, se tornou um passeio de fim de tarde bastante frequente. Embora minha primeira visita tivesse como foco fundamental rever – havia estado no museu há 30 anos – *Las meninas* de Diego Velázquez, o reencontro com Goya foi especialmente intenso. A partir daí conhecê-lo, observá-lo – à sua arte – se transformou em um desejo, e considerando que dedico minha vida acadêmica à investigação no contexto da modernidade, em uma necessidade.

Minha segunda história começa em uma sala de cinema – rotina agora semanal de quem vem de uma cidade com raras oportunidades de desfrute da 7ª arte – com um filme que relata a experiência trágica de um homem depois da guerra civil espanhola. Desde que cheguei à Madri, na metade de 2019, topei-me de frente com uma, como dizer, rememoração intensíssima da experiência da guerra civil ocorrida de 1936 a 1939, um evento dizimador, traumático para grande parte da população espanhola. A recordação dessa tragédia se mostrava por todas as partes: exposição na escola de arquitetura – o Campus Universitário foi uma frente de batalha e o edifício da faculdade de arquitetura foi bastante destruído pelas bombas alemãs lançadas pelos *Nacionales*, vários filmes com esse tema em cartaz, documentários...e no meio disso tudo, conhecer e depois lembrar – durante a quarentena - a história dos topos foi angustiante a ao mesmo tempo alentador. Ambas são símbolo da intensa – e porque não dizer visceral - relação que estabeleci com este país nesses meses de convívio.



FRANCISCO – EL SORDO

Em 1793, aos 47 anos, Francisco José de Goya y Lucientes, contraiu uma doença que daria uma reviravolta em sua vida e em sua carreira. Estava o principal pintor da corte espanhola viajando por Andaluzia quando começou a sofrer dores de cabeça muito fortes, alucinações e vertigens e, essa doença desconhecida – cientistas atribuem hoje a uma doença autoimune -, deixou o homem extrovertido e falante, surdo pelo resto de sua vida. Goya era um homem que adorava a música, adorava a conversa, era totalmente gregário e sociável e, de repente, estava mergulhado em um profundo e definitivo silêncio.

Se foi essa surdez absoluta que fez Goya pintar as paixões, pequenezas e sofrimentos humanos com a intensidade que pintou quando o romantismo apenas começa a aflorar na Europa, é algo que os expertos discutem até hoje. O certo é que a partir de sua doença – e da perda desse sentido responsável em grande parte, pela nossa orientação no mundo - se observa uma liberdade de expressão em sua pintura que nos leva a pensar que representa o artista que, a partir dessa profunda adversidade, conquista sua independência. E com essa independência que lhe dá o direito de pintar para si mesmo, começa a mostrar, principalmente em suas gravuras e nas paredes da casa que morou, de maneira contundente e extremamente moderna, seu interesse pelo humano, pelos extremos das paixões terrenas, que vão desde os mais positivos, a piedade e a

generosidade, até os mais negativos, a maldade e os preconceitos humanos mais extremados.

No final do século XVIII publica uma série de gravuras, *Los caprichos*, onde satiriza a sociedade espanhola da época e mostra o mundo escuro que o rodeia: um mundo de bruxas, prostitutas, ladrões, assassinos, duendes, diabos, sacerdotes. *El sueño de la razón produce monstruos*, assim termina sua série indicando que a razão tira do inconsciente os monstros gerados pelo preconceito, pelo fanatismo, pela superstição e pela ignorância.

Na segunda série de gravados, realizados já no século XIX, *Los desastres de la guerra*, se mostra absolutamente crítico com o embrutecimento e a crueldade que uma guerra gera e significa. Como um verdadeiro cronista, retrata os atos mais brutais desse equivoco humano, o armistício. Atos brutais executados tanto por um lado como pelo outro, tanto pelos espanhóis que lutavam pela independência como pelos franceses invasores. Decapitações, estupros, execuções, traições, são retratados com uma crueza escalofriante.

Mas talvez a mais impressionante coleção de Goya, resistente, é a composta pelas *Pinturas Negras* que plasmou nas paredes da *Quinta del Sordo* a partir de 1820, depois de recuperar-se parcialmente de mais uma grave doença que o debilitou e quase o levou à morte. As 14 pinturas, que decoram o comedor e o salão dessa chácara na periferia de Madri, representam uma reflexão sobre sua Espanha. O pai dos expressionistas, comprometido com seu tempo, pinta cenas inquietantes: reunião de bruxas, procissão do santo ofício, o mundo católico e a mitologia, lutas a paus, mas também reuniões políticas secretas, símbolos de um país que se debate entre um mundo primitivo e a Ilustração, entre o mundo das superstições e o da razão. Alguns anos depois, em seu exílio em Bordeaux, **persistente**, em seu último quadro, Goya declara: *aun aprendo* (ainda aprendo).



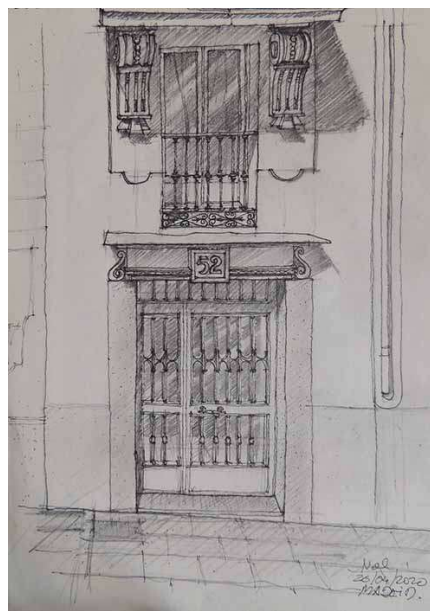
HIGINIO – EL TOPO

Pouco mais de um século depois, em um pequeno povoado da Espanha de 1939, Higinio (interpretado por Antonio de la Torre, o mesmo que fez o papel de Pepe Mujica em outro confinamento, *La noche de 12 años*), republicano, recém-casado, com a ajuda de sua esposa cava um buraco em sua casa e se esconde ali para fugir da captura, e morte certa, por parte dos *fachas*, os vencedores da guerra civil espanhola. Escondido-enterrado esperava uma anistia que imaginava que não tardaria em vir. Mas tardou. Higinio só sairá de seu esconderijo em 1969, quando o governo franquista finalmente dá anistia a todos os que cometeram “delitos” antes de 1939. Essa é a história que conta o filme *La trinchera infinita*, dos diretores vascos Jon Garaño, Aitor Arregi e José Mari Goenaga. O personagem central, na verdade, está construído a partir da história de muitos homens que “viveram” assim depois da guerra civil – os chamados *topos*, alusão ao animal, a toupeira, que passa grande parte de sua vida abaixo da terra. Mais de 30 anos passou Higinio escondido, com constantes buscas da polícia civil e dos falangistas. Mais de 30 anos viveram escondidos em suas casas ou de familiares, muitos *rojos*, que começaram a vir à luz depois do “perdão” de Franco.

O mundo olhou assombrado para essas criaturas que saíam de suas tocas, mostrando as condições extremas em que haviam vivido talvez o que seria o melhor período de suas vidas – quase todos se encerraram ao vinte e poucos anos -, histórias incríveis, impossíveis. Saturnino de Lucas, não se pôs de pé em nenhum momento de seus

34 anos escondido no desvão do telhado da casa de sua família em Mudrián-Segovia; trabalhava técnicas de sugestão para sobreviver, por exemplo, aos quase 50 graus positivos ou outros tantos negativos a que era submetido durante os meses do ano. Pedro Perdomo passou 33 anos oculto, com a cabeça a prêmio, entre buracos no chão do pátio, armários e quartinhos escuros das casas de suas onze irmãs em Las Palmas; sempre meio doente, tinha como única companhia revistas e jornais, sempre os mesmos, que ia colocando em uma pilha e quando chegava no último começava a ler outra vez as notícias que já havia esquecido. Manuel Cortés, passou mais de dois anos dentro de um armário, recebendo de sua esposa às vezes minguadas rações de comida, as únicas que havia, guardadas cuidadosamente para ele; completou seus 30 anos “encarcerado” em um quartinho construído de maneira disfarçada em sua casa em Mijas-Málaga; lia, escutava rádio e fazia artesanato para ajudar na economia familiar. Livros e filmes relatam a “vida” de mais de uma dezena de outros escondidos. Muitos deles foram encontrados pela guarda franquista nos primeiros anos de encerro em suas constantes e obstinadas buscas pelas casas. Se supõe que outros tantos morreram em seus esconderijos e seus enterros foram atos secretos de famílias que temiam certas represálias e nunca se conhecerá suas histórias.

Higinio, toupeira, combatente, com medo, angustiado, fustigado, aferrado à vida, vigilante, se livrou da vingança do poder franquista – outros 150 mil não tiveram essa “sorte”.



Os personagens de meus relatos, testemunham as duas guerras espanholas, a da Independência e a Guerra Civil. E se somamos a isso o conto do fechamento do Museu do Prado e o apoteótico salvamento de suas obras mestras transportadas entre bombas e combates para a Suíça durante a guerra civil, abandonando uma Madri que começava a ser fortemente bombardeada e a comemoração dos 200 anos de Museu em 2019 e seu segundo e doloroso fechamento pela segunda vez em 2020 em função da COVID19, fica clara a conexão entre as duas histórias e elas à nossa.

PRIMAVERA DA JANELA

Em confinamento, clausura, isolamento, separação, internação, Noé observa a Rua da Palma banhada pelo sol da primavera. Resistente, persistente, resiliente, insiste e desenha, o sol e suas sombras.

Depois veio a liberdade e já não houve tempo para desenhar... liberdade em parte é verdade, em uma realidade, que como todos sabemos, parece tender a se prolongar. Uma liberdade, que talvez já não se sentirá com a intensidade daquela experimentada pelos estudantes de Galdós:

A las cuatro de la tarde, la chiquillería de la escuela pública de la plazuela del Limón salió atropelladamente de clase con algazara de mil demonios. Ningún himno a la libertad, entre los muchos que se han compuesto en las diferentes naciones, es tan hermoso como el que entonan los oprimidos de la enseñanza elemental al soltar el grillete de la disciplina escolar y echarse a la calle piando y saltando (Benito Galdós, *Miau*, p. 83)¹.

¹ “Às quatro da tarde, a meninada da escola pública da Plazuela del Limón saiu atropeladamente de aula com a algazarra de mil demônios. Nenhum hino à liberdade, entre os muitos que se compuseram nas diferentes nações, é tão bonito como o que entonam os oprimidos do ensino fundamental ao soltarem os grilhões da disciplina escolar e se lançarem à rua piando e saltando” (GALDÓS, Benito. **Miau**. Barcelona: Ediciones Cátedra, 2020, p. 83).